

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 26 de outubro de 2016

Textos de referência: J. Carrón, «A forma do testemunho», Tracce-Litterae communionis, setembro 2016, p. I-VII.

- *Ser poeta*
- *Žemė miega*

Glória

Sejam todos bem-vindos! Este ano a ligação por videoconferência está também disponível para as pessoas que vivem no estrangeiro – como tantos pediam –, porque resolvemos o problema das traduções simultâneas em inglês, espanhol e português. Começamos o nosso percurso com a consciência que os dois cantos que escutámos exprimem: «Ser poeta é [...] ser mendigo», ou seja, ter dentro «um astro que flameja», «é ter fome, é ter sede de infinito!». «É a saudade do céu azul», como dizia das estrelas a segunda canção: «Parecem falar-me como a um irmão, como se quisessem dizer: vai mais além». Não podemos deixar de começar com esta consciência, depois do início de ano em que, através da peregrinação, pedimos para participar daquela misericórdia que tem piedade deste nosso ser totalmente mendicantes de uma coisa diferente. Mas este nosso ser que mendiga, como dizemos na Página Um (A forma do testemunho), vive numa situação, para usar a palavra do Papa, numa «mudança de época» que todos temos de encarar. Uma pessoa mandou-me este contributo: «Lendo A forma do testemunho marcou-me especialmente o ponto em que se fala da mudança de época. É um ponto que sinto de maneira especial, sobretudo na escola (dou aulas num instituto profissional). No outro dia, falando da literatura do século XIII, perguntei aos alunos se sabiam quem era Francisco de Assis, e metade da turma disse que não. Fiquei espantada, mas até não muito, porque com frequência parece-me que falo uma língua diferente, que pertença a uma mentalidade longínqua; mesmo determinados valores já não são de todo evidentes». Daqui surge toda a pergunta: o que estamos a fazer no mundo, que significa fazer face a um desafio destes? A primeira questão é perceber o que está a acontecer. Zygmunt Bauman diz que «vencer a distância entre a realidade em que vivemos e a nossa capacidade de compreendê-la não é um objectivo que se atinja rapidamente» («Alle radici dell'insicurezza», entrevista de D. Casati, Corriere della Sera, 26 julho 2016, p. 7). Se o diz um observador perspicaz como Bauman, podemos dar-nos o tempo para o compreender nós também, porque não é imediato. Por isso surge em muitos a pergunta sobre o que é o conhecimento, sobre o que nos dizem os factos como o que acabei de citar para nos introduzir a um conhecimento do que está a acontecer.

Gostava de te colocar uma pergunta que nasce da vida justamente neste princípio do ano. Em particular, ao ouvir-te contar e repetir várias vezes os factos, certos factos, (como o da mulher doente com Sida que a Rose encontrou ou o do preso que olha de modo misericordioso para os seus carcereiros), vejo que pões em acção uma dinâmica de conhecimento muito diferente da minha; tu sentes a necessidade de voltar a factos que – percebe-se – te fazem companhia, te fazem descobrir o real, não só ao início mas continuamente, conservando-os. Percebo, então, que existe uma dinâmica do conhecimento mais profunda que a minha, da qual quero absolutamente participar da qual noto que tenho necessidade para não deitar fora a vida. Por isso ponho-te duas perguntas que sinto vivíssimas. Primeira: o que é que quer dizer que um facto te faz companhia, ou melhor, o que é que quer dizer verdadeiramente conhecer, como é que se consegue não sepultar os factos? Mesmo quando me parecem bons, sucede-me, depois de os catalogar e analisar bem a fundo, para mim acabaram, vira-se a página, passa-se à frente. Diferente, porém, é a companhia que podem fazer à vida como relação verdadeira, ousa dizer vocacional. Para mim o conhecimento é um bocado como um usa-e-

deita fora, é consumir o que acontece, embora com toda a minha boa vontade cristã, ao passo que para ti é uma companhia permanente, como um amigo que, quando estamos com ele, aprofundamos um significado e caminhamos. Um exemplo disto é a atitude em relação ao referendo iminente: estive implicado num trabalho belíssimo, entusiasmante, sobretudo graças aos amigos que me chamaram; e reparei que, quanto mais se me esclareciam as questões em jogo, mais eu, não os outros mas eu, relativizava o conteúdo numa posição a assumir. Porque é que acontece isto? Ultimamente penso cada vez mais vezes na frase de Mounier: «É necessário sofrer para que a verdade não se cristalice em doutrina, mas nasça da carne». Ora, percebo bem duas coisas: provavelmente este sofrimento é também a mortificação – palavra positiva na minha experiência – de experimentar um limite para poder verdadeiramente alcançar uma humildade que te permite começar a aprender. Em segundo lugar, compreendo a misericórdia que nos é concedida como excepcional quando é a possibilidade de envolver-se, com toda a verdade de si, com pessoas capazes, por graça, de interromper o ciclo da repetição de si próprio até ao infinito, ou seja, o ciclo do “não-conhecimento”.

A coisa que tu notas é aquilo de que partimos e nos trouxe a esta situação de mudança epocal. Porque – como repetimos em várias ocasiões – os homens do Iluminismo pensavam ter atingido já um tipo de conhecimento que lhes permitia apreender toda a envergadura do real unicamente com a evidência da razão, sem ser preciso mais nada. Mas este esforço, diz Bento XVI, fracassou. O que dizes é uma demonstração disso: estamos a dar-nos conta de que os factos que sucedem não são vividos de modo que nos permitam conhecer, e por isso não nos fazem companhia; e pouco depois vira-se a página, como se nada tivesse acontecido. Tu usaste uma expressão: «Para mim o conhecimento é um bocado um usa-e-deita fora». Em vez disso, o que diz Dom Giussani? O que é que temos de captar e aprender? Que um facto é caminho de conhecimento se se tornar verdadeiramente experiência. Ao contrário dos Iluministas, Giussani afirma que o caminho para a verdade é uma experiência, um caminho de factos. «Experiência é viver aquilo que me faz crescer. A experiência produz, por conseguinte, o crescimento da pessoa [...] [e] conota [sempre] por isso o facto de *aperceber-se de crescer*». Tudo reside nesta palavra: «aperceber-se» de crescer. Porque «aquilo que caracteriza a experiência é *compreender* uma coisa» (L. Giussani, *Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, pp. 125-126), descobrir o sentido de uma coisa, que por isso depois te faz companhia. Se não aprendermos isto os factos são inúteis para viver, para o caminho da vida, a história esvazia-se e, por outro lado, as verdades, como dizia o primeiro contributo e como veremos daqui a pouco, deixam de se ver. Com esta questão em aberto escutemos os factos da experiência para nos deixarmos ensinar por eles.

Olá!

Aprendeste alguma coisa com a tua experiência?

Sim.

Menos mal!

No início do ano passado chegou à universidade uma caloira que tinha frequentado GS no liceu e que começou a estar connosco, a fazer da parte dos grupos de estudo, a frequentar as aulas connosco. Após alguns meses tomámos um café juntas e disse-me: «Olha, não te quero ofender, mas para dizer a verdade, vocês parecem-me um bocado fanáticos, iludidos, estão continuamente a falar de Deus, mas eu não acredito, porque se Deus existe é um marionetista e eu prefiro passar sem ele». Diante de tanta determinação e convicção...

É nisto que se torna a percepção do cristianismo, se não se compreende o alcance educativo e o alcance cognoscitivo que tem: «Parecem-me uns iludidos»!

Diante de tanta determinação e convicção fiz algumas tentativas tímidas de contra-argumentar no plano teológico e depois rapidamente parei e comecei a fazer-lhe perguntas sobre ela, sobre a sua experiência.

Porque paraste?

Porque me dei conta que tinha diante de mim uma parede, não tinha a possibilidade de falar com ela, porque diante não apenas ...

Veem como descobrimos o caminho? Há algumas modalidades e algumas tentativas que não servem. A própria realidade dá-nos a possibilidade de compreender. E então?

E então comecei a perguntar-lhe sobre ela, se estava mais contente desde que tinha vindo para a universidade, se se lembrava dos melhores dias da sua vida. A todas estas perguntas continuava a responder-me: «Não», sistematicamente, de maneira muito indiferente, pelo que me parecia não termos nenhum tipo de terreno comum para dialogar e todas as vezes que falávamos chegávamos a um ponto morto. Então comecei a convidá-la para estudar comigo quando ia para fora aos fins-de-semana com outros amigos e a envolvê-la na vida que faço todos os dias. De todas as vezes esta rapariga aceitava o convite e voltava. Assim, dia após dia, mês após mês, muito lentamente começou a envolver-se e a ficar cativada a tal ponto que...

Porque é que ficou cativada? Talvez porque «virou a página»? Talvez porque os factos não lhe fizeram companhia? Ou porque começou a perceber qualquer coisa?

Começou a ver que a vida que fazíamos era também para ela.

Isto é, fez um caminho que a levou a conhecer qualquer coisa. Que coisa?

Depois de alguma resistência decidi vir às férias do CLU, apesar de no início ter dito que não iria porque aquilo que fazíamos não lhe agradava. Mas acabou por ir e estava contentíssima. E dei-me conta que alguma coisa estava a mudar nela, não só porque tinha decidido ir às férias do CLU, mas porque começava a dar-se conta daquilo que lhe acontecia, começava a dizer quando estava contente e quando não estava contente.

«Começava a dar-se conta daquilo que lhe acontecia». Isto é válido também para ti, que te deste conta do que estava a acontecer.

Por isso, quando depois das férias do CLU fomos de férias para a praia com alguns amigos, dizia a uma de nós: «Estou contente por estes dias, porque diferentemente de todas as outras férias, nas quais depois de alguns dias me fartava das pessoas com quem estava, de vocês não me farto». Assim na relação com ela eu dei-me conta que não só a dialéctica, a tentativa de dialetizar com ela não me levava a lado nenhum, mas que a única possibilidade que eu tinha de lhe mostrar o que tinha encontrado era envolvê-la na vida que me tinha conquistado primeiro que tudo a mim. Agora, que ainda está em curso este processo, não voltámos a ter um diálogo sobre Deus, não sei se já pode talvez dizer que não é um marionetista, mas tenho a certeza, vejo que não nos considera uns iludidos, porque não se foi embora.

Espanta-me que tantas vezes os nossos amigos universitários se deem conta que os outros não veem aquilo que eles veem e começam a experimentar que a dialéctica não os leva a parte nenhuma, não os leva a fazer perceber ao outro qualquer coisa que ele não percebe, a conhecer qualquer coisa; começam a aprender que certas coisas não servem e então já não usam instrumentos e métodos que se revelaram evidentemente falíveis. «Dei-me conta»: esta é a questão! «Dei-me conta que não só a dialéctica, a tentativa de dialetizar com ela não me levava a lado nenhum, mas que a única possibilidade que eu tinha de lhe mostrar o que tinha encontrado era envolvê-la na vida que me tinha conquistado primeiro que tudo a mim». O que é que isto quer dizer? Devemos começar a perceber o que é que isto quer dizer para responder aos desafios da mudança epocal. Porque enquanto os racionalistas diziam que os factos históricos não podem levar ao reconhecimento do verdadeiro, aqui começamos a ver que só um facto histórico («envolvê-la na vida que me tinha conquistado primeiro que tudo a mim») leva a reconhecer qualquer coisa que antes não se reconhecia. De onde nasce um olhar assim?

Conto um facto simples que me aconteceu há alguns dias. Saio de casa de manhã, chove e, numa ruela, encontro a habitual sem-abrigo que está ali desde há muitos anos, aninhada contra a parede, a pedir esmola. Então, passo e deixo-lhe uma moeda e sigo. E enquanto estou a andar, na ruela oiço uma voz alta, estridente, nas minhas costas, uma voz de mulher, que diz: «Eh, sim senhor! Se todos os que aqui passam te deixam um euro, venho aqui eu para o teu lugar!». Virei-me de repente porque me senti provocado, e vejo que é uma senhora idosa, muito avançada na idade, a fazer pouco da sem-abrigo. Veio-me um ímpeto de raiva, pelo sentido de justiça, e então disse-me a mim próprio: «Agora

vou lá, e ponho-lhe dois euros na mão e digo-lhe: “Agora a senhora senta-se aqui, e fica aqui todo o dia, esta tarde, quando eu voltar, depois vemos, está bem?!”. Dei um passo, estava a andar para fazer a minha pequena cena, mas, enquanto dei esse passo, senti dentro de mim como que uma ponta de uma lança que subia e que rompia a capa da raiva que me tinha tomado. E invadiu-me uma verdadeira comoção, porque olhava para a senhora idosa e pensava: «Mas esta senhora, que é já de idade avançada, que coisas que já terá visto e vivido, que coisa é que viveu, que experiência é que terá feito, que coisa terá encontrado para ter um coração assim tão áspero, tão rancoroso?» E depois, apercebi-me: «Caramba, mas eu – eu! – Quem encontrei!» E isto fragmentou o meu sentimento raivoso e experimentei verdadeiramente um grande sentido de ternura e comoção, e olhava para elas as duas, mas devo dizer que estava mais enternecido e comovido comigo próprio, por este Outro que me veio salvar. Talvez seja aquilo que disseste nos Exercícios da Fraternidade e que repetiste algumas vezes sobre o preso que entra na prisão, onde estão os dois guardas que o humilham ao revistá-lo, mas ele olha-os com misericórdia. Creio que seja esta experiência. Foi um choque de leveza, de felicidade verdadeira, da minha parte. Eu disse-lhes: «Bom dia. Tenham um resto de dia bom.», e fui-me embora contente com isto.

Invadiu-te um estranho sentimento de ternura. É só sentimental? Ou é um juízo, um verdadeiro conhecimento que tinha como razão o teres-te apercebido de teres sido salvo? Tanto que ficaste mais comovido. E isto fez-te olhar para o outro perguntando-te que coisa encontrou, ou que coisa não encontrou na vida para ter um coração tão áspero assim. Conhecermo-nos a nós mesmos e conhecer o outro através do facto de nos apercebermos de alguma coisa que temos, da nossa pertença, daquilo que vivemos, é a origem da nossa posição cultural, sem fazer grandes discursos, sem ter grandes propósitos, quase nos surpreendendo com aquela origem que leva à comoção pelo facto de que um Outro nos veio salvar, sem o reduzir a uma coisa sentimental, mas reconhecendo-o como algo que molda de tal modo o meu eu que não posso deixar de reconhecer Cristo também no modo de olhar o outro. Quem sabe que coisa não encontrou aquela senhora! Pelo contrário ao preso aconteceu encontrar alguma coisa. Que um facto, um encontro, nos faz companhia, vê-se na novidade com que me encontro a enfrentar as situações, os desafios do real, as coisas nas quais embato.

Há alguns dias atrás na aula uma rapariga propôs retomar o tema do diálogo a partir de Sócrates e fê-lo dizendo: «Interessa-me a questão do diálogo para perceber o que tem a ver o diálogo de que fala Sócrates com a vida, com as perguntas da vida». Quando fez essa pergunta eu fiquei impressionado e pensei: «Este tema é interessante.». Então perguntei aos alunos o que pensavam disso e desencadeou-se um ping pong que eu não estava à espera, porque não é uma turma muito viva, também os meus colegas se lamentam; naquele momento desencadeou-se uma discussão. E eu pensava ter captado o interesse deles, porque todos davam a sua opinião. Num certo momento, um rapaz, apontando para outro de um modo brincalhão, disse: «Mas eu queria também saber a opinião daquele, o que é que ele pensa». Esta frase dita de um modo brincalhão fez-me perceber que eu me tinha entusiasmado por uma coisa que não era diálogo, era somente uma discussão, porque todos partilhavam as suas ideias, diziam a sua ideia e não se chegava a lado nenhum. Então, parei e perguntei a todos: «mas na vossa opinião estamos a ter um verdadeiro diálogo ou cada um está a dar a sua opinião?», segundo a ideia dominante que cada um tem a sua opinião. A maioria disse: «Professor, consigo podemos dialogar». Mas um rapaz interveio: «Não, não, estamos só a discutir, porque cada um de nós está a dar a sua opinião, mas depois não está atento ao que diz o outro, não lhe interessa o que diz o outro, mas afirma a sua opinião segundo a ideia que cada um tem da sua verdade, logo...». Era assim. Isto foi um abanão sobretudo para mim, porque eu naquela primeira parte da aula, como tinha em mente que devia fazer a turma discutir, favoreci a discussão; e ainda bem que aquele rapaz tocou o sinal de alarme, porque eu dei-me conta que o coração do homem quer mais que uma simples discussão; no fundo não estávamos a responder à pergunta da rapariga, porque cada um estava a dar a sua opinião. Então, agradei por esta observação e disse: «Olhem que foi a primeira vez nestes últimos anos que me aconteceu ter surgido de modo mais claro que há qualquer coisa mais que o diálogo socrático

(porque o diálogo socrático no fundo era o que eles estavam a fazer: uma discussão de ideias), e eu no fundo não me tinha dado conta disso tão bem como vocês». Então, na segunda parte da aula sucedeu uma coisa diferente: enquanto antes havia o esforço de dizer a própria ideia, cada um dizia a própria ideia e depois fazia as suas próprias interpretações, começaram a olhar-se e a dialogar, já não a dar opiniões, mas a dialogar. Impressionou-me, porque bastou uma observação, de um certo ponto de vista banal, para me fazer sentir o abanão do coração e para perceber que estes rapazes queriam mais, que esta mudança de época é a necessidade de algo mais, enquanto eu estava a reduzir o diálogo a uma discussão de ideias, e a discussão de ideias não te leva certamente a conhecer-te a ti próprio nem a conhecer o outro! Como diz Dom Giussani: a tónica não é sobre as ideias, mas sobre a pessoa, e eu tinha posto a tónica sobre as ideias, não sobre a pessoa. Quando terminei a aula saí; por um lado, estava contente: aconteceu algo, um pequeno facto mudou-me. Por outro, durante meia hora insistira na discussão. Então, dei-me conta do carácter abstracto com que faço a Escola de Comunidade. Disse para mim mesmo: «Estou a ler o diálogo em Dom Giussani, estou a ler que o diálogo é vida, fiz “raggi” naqueles anos em que se punha em comum a experiência e não me dei conta, se não pela observação daquele rapaz, que estava a ter lugar uma discussão de ideias?!». Disse: «Ainda bem, porque aquela observação fez-me retomar aquilo que já estava dentro da experiência e do coração». Esta foi uma experiência que me impressionou muito.

Não tinhas dado conta; e quando deste conta, apercebeste-te do que é verdadeiramente o diálogo, que o diálogo não poderá ocorrer verdadeiramente se não se encontra o outro porque estás interessado no seu contributo. Agora, todos nós podemos começar a usar este teste para o nosso caminho humano: esta semana tive diálogos ou discussões? Sobre o referendo, por exemplo, estão a ter diálogos ou discussões? Porque o homem, como se vê, não é mais do que o que cantámos no início: ser poeta é ter fome e sede e por isto não pode deixar de ir para além da discussão, «vai para além». Então interessa-te perceber bem de que coisa estamos a falar, porque este diálogo pode acontecer também de modo inesperado. Escreve-me uma pessoa da China (que obviamente não pôde vir para intervir!) que um dia o porteiro do seu prédio a deteve a ela e ao seu marido: «”Entre vocês dois há verdadeiramente um grande amor. Vejo tantos casais, mas como vocês não se vê nenhum. Este amor é verdadeiramente uma coisa grande, viver assim é verdadeiramente muito belo. Desejo-vos que possam viver este amor toda a vida”». Perguntei-lhe porque dizia isso, visto que só fala chinês, logo não percebe o que dizemos. Só nos vê passar de manhã quando vamos para o trabalho, quando voltamos, quando voltamos com os sacos das compras ou quando saímos por qualquer outro motivo. Não passamos tempo com ele e não lhe falamos de nós. Disse-me: “O que acha? Eu não percebo as palavras que vocês dizem, mas vejo e vi logo isso quando cheguei. Vejo o modo como falam, o tom de voz que usam, que o que vos mantem juntos não é o dinheiro”. Nós não dissemos uma palavra sobre a nossa relação e o porteiro vê isto, dá-se conta (é impressionante a verdade desta expressão: «dar-se conta». É a expressão que Giussani usa para descrever a experiência) que o casamento que vivemos não é como o dos outros. Impressionou-me que alguém possa testemunhar algo sem dizer uma palavra». É um diálogo, porque é a comunicação de si a um outro, mesmo se não se fala a mesma língua.

Comecei a ler a Página Um e a tua intervenção em Caravaggio (onde, infelizmente, não consegui ir) e encontrei ali, inesperadamente, correspondências com tudo o que estou a viver neste período. Digo inesperadamente porque fiquei surpreendida ao dar-me conta, verdadeiramente, de como aquilo que disseste se tornou num ponto de comparação imediato com o que me está a acontecer, sem nenhum esforço ou sem um «sim, mas eu já sei isto», e é mesmo bonito quando isso acontece. Passo a explicar. Conto-te dois breves e simples factos que me aconteceram neste mês. Eu sou enfermeira e depois de cerca de um ano, recomecei a trabalhar. Fui colocada num serviço que seria o último que eu desejaria para mim. Naqueles dias estava mesmo triste e via a realidade como inimiga, no fundo a circunstância era uma coisa que impedia o meu caminho. Depois, um dia, falei deste período a uma grande amiga minha, falando-lhe de alguma coisa bonita que tinha visto, mas no fundo a última palavra continuava a ser a dificuldade que vivia. Ela ouviu-me a certa altura pergunta-me: «Então, o

que te permite viver? Jesus é verdadeiramente aquela relação que te salva mesmo quando tudo parece ser contra ti?». Fiquei destroçada, porque no fundo só encontrava desculpas para não responder a estas perguntas. Desde então tudo mudou, não a realidade, que continua a ser muito difícil, mas a forma como eu comecei a olhar para ela. Li a Página Um, onde dizes que a capacidade de encontrar o outro nasce de uma certeza existencial gerada pela fé. No serviço, uma enfermeira simpatizou comigo e está a nascer uma relação muito livre, tanto que quis partilhar comigo uma dor que está a viver. Isto toca-me, porque é mesmo verdade que o ponto não é o quanto eu sou dialeticamente boa em fazê-la ver como a vida é vivível, porque o que me permitiu entrar em relação com ela foi o começar eu, em primeiro lugar, a viver a minha relação com Jesus na minha vida, e portanto no trabalho, lavando com ela os pacientes ou arranjando as almofadas, pedindo cada manhã que Ele me faça sua. Uma manhã, aconteceu outro facto simples. Tinha que lavar cerca de vinte pacientes, portanto estava muito ocupada na pressa de terminar a tarefa. Deparo-me, a dada altura, com uma senhora que me pede para ser acompanhada à casa de banho. Os colegas tinham-me referido que, uma vez acompanhada à casa de banho, ela era capaz de lavar-se sozinha. Enquanto a levo, ela diz-me: «Olhe que sozinha eu não sou capaz de me lavar». Eu então levo-a à casa de banho dominada apenas pela preocupação de estar a atrasar o trabalho e começo a lavá-la. Enquanto a estou a ajudar a despir-se, diz-me: «É mesmo mau depender de tudo e de todos». Aí acordei e comecei a olhar para ela. Vieram-me à cabeça mil coisas que podia dizer-lhe sobre o que encontrei na minha vida e que me faz respirar cada dia, talvez bloqueando assim o seu grito. Depois veio-me à cabeça aquilo que tu dizes em A forma do testemunho, ou seja, que o verdadeiro diálogo é fazer ver a experiência que eu vivo, por isso disse para mim mesma: «A forma mais verdadeira de estar agora diante dela é responder à circunstância em que me encontro, lavá-la como eu gostaria de ser lavada». Estivemos juntas muito tempo. Havia um clima quase familiar. No final, olha para mim e diz-me: «Depois deste banho, sinto-me uma nova mulher». Comovi-me mesmo, porque também eu, depois daquele encontro, me senti renascer, simplesmente porque na sua necessidade me descobri como ela: mendicante, necessitada de tudo. Também eu preciso de depender do Único que me faz em cada momento, tanto que, se não for assim, cada coisa me enfada e me esmaga.

E isto o que significa em relação à comunicação ao outro, nesta mudança de época em que ninguém vê, nem mesmo tu vês, tanto é verdade que sentias a realidade como inimiga? O que é que te fez fazer o caminho e te permitiu começares a ver as coisas de forma diferente e a fazer aquilo que fizeste?

Comecei a colocar-me as questões e percebi que a coisa de que eu fugia era o que me permite viver. Quando eu percebi o que me permitiu...

Primeira questão. Não é que com as nossas explicações possamos convencer, porque nem mesmo nós estamos convencidos, de facto eu posso ter todas as explicações e ainda assim entender a realidade como inimiga. Como te disse a tua amiga, a realidade é a oportunidade, a ocasião para ver se Jesus é a relação que te salva. Sem fazer esta verificação, no fundo não terias podido realizar aquele gesto. Porquê? Porque – como tu dizes – só a certeza existencial adquirida na tentativa de viver seguindo a sugestão da tua amiga é que te permitiu entrar em relação com a realidade de forma não dialética: «Começar eu em primeiro lugar a viver a minha relação com Jesus na minha vida e, portanto, no trabalho». Nós só podemos introduzir os outros na realidade, de forma a fazer uma mulher sentir-se como nova, através de uma história, de uma experiência pessoal, humana, através de nós mesmos, de tal forma que aquilo que primeiro não se via, agora começa a ver-se.

No trabalho que estamos a fazer, surgiu-me uma pergunta que me parece essencial. A pergunta que me brotou dentro foi esta: qual é a forma da minha pertença, qual é o gesto, o modo através do qual eu vivo no real a experiência de uma pertença? Vieram-me à mente tantas respostas, todas elas razoáveis e provavelmente aceitáveis. Por exemplo: esta longa história em que me encontro e estou de boa vontade, toda a tradição que estimo e amo, uma regra na qual vivo. Somando tudo diria: pelo menos uma fidelidade ao longo do tempo a esta companhia. Mas o ter formulado aquela pergunta fez-me perceber que estas respostas eram insuficientes, porque há apenas um só modo, digo eu, através

do qual a minha pertença é real, verdadeira e fecunda: é o «Sim» de Pedro; Não é a história que carrego, não é a rega a que obedeco, não é a tradição em que me encontro, não são os amigos de quem não me separo, mas é realmente o «Sim» de Pedro o gesto verdadeiro de pertença. As outras coisas são uma consequência disto. Senão esta história, esta tradição, esta regra, esta companhia – como nos disse com muita clareza Dom Giussani e como o Papa repetiu quase com os mesmos termos – fossiliza-se, torna-se pedra, petrificada, sem flor nem fruto, em mim e na sociedade. E acrescento rapidissimamente uma segunda coisa: como é que se vê se este é o modo com que eu pertenço? Cá está: a outra coisa que retomaste de Dom Giussani na Página Um fez-me perceber: eis o critério! Então percebi o que quer dizer que a expressão cultural é o que demonstra, que torna evidente, aquilo a que pertences. E perguntei-me: «Mas qual é para mim e para nós, a mais evidente e mastodônica expressão cultural? A nossa unidade, a nossa companhia, E eu como estou nesta companhia? Estou a construí-la? É uma expressão cultural minha esta companhia, é uma coisa que tenho presente?». Julgo ter percebido que o único modo através do qual eu torno possível esta impossível unidade, tal como sempre nos disse Dom Giussani, é que eu diga «Sim» a Cristo presente aqui, hoje, no modo com que se faz presente aqui, hoje. Senão, em última análise qualquer outro modo é parcial e infecundo.

O que quer dizer este «Sim» de Pedro, este gesto de pertença? Porque é que o consideras assim tão crucial para responder a esta mudança epocal? Como é que este «sim» serve para responder de modo exaustivo ao desafio que temos pela frente?

Porque creio que seja a única fonte de novidade e a única possibilidade de novidade que me foi dada, não pelas circunstâncias, mas dentro das circunstâncias, mesmo que estas tenham mudado completamente. Como faço a ser um novo eu numa situação nova? Só se digo «Sim» a Cristo no modo com que Ele está presente à minha vida, hoje. E isto torna-me apto a perceber os passos a dar, os gestos a fazer, o trabalho para levar para a frente, etc. Parece-me que esta é a origem da novidade, que não há outra. As outras são todas coisas que te podem tornar activo, generoso, socialmente presente, culturalmente, cientificamente, etc., etc., mas de onde vem a novidade? Do dizer sim a uma Presença hoje, julgo eu.

Tudo isto é para percebermos mais. Deixemos em aberto a questão porque nesta tua intervenção está realmente a resposta àquela mudança epocal que estamos a viver. Porque? Porque como dizia no início, tantas vezes não é para nós um facto histórico que nos leva ao «conhecimento» do verdadeiro, à consciência do verdadeiro. Vimos em todos os vossos testemunhos que é apenas o dar-se conta do que nos está a acontecer que permite pormo-nos diante da realidade num modo diferente. Tu acrescentas agora o «Sim» de Pedro. Se formos ler o que diz Dom Giussani sobre o «Sim» de Pedro, vemos porque é que o cristianismo representa a possibilidade de resposta adequada ao desafio cultural do momento actual: uma «história particular [...] é a chave na concepção cristã de homem, da sua moralidade, na sua relação com Deus, com a vida, com o mundo» (L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*, Rizzoli, Milano 1998, p. 82), ou seja, da realidade e da história. O que cada um experimenta é que quando deixa entrar Cristo nesta sua história particular, no seio da comunidade cristã, começa a suceder alguma coisa que lhe permite introduzir no real um tipo de experiência que responde ao desafio epocal, no quotidiano, quando convidamos os outros a estudar, quando tomamos conta de um doente, quando dialogamos com os alunos, quando vemos um mendigo. E os outros começam a ver o que antes não viam. Porque foi assim que o cristianismo começou e assim continuará: sem nunca separar a história particular da verdade, Se a nossa amiga não tivesse aceitado enfrentar a realidade, que lhe parecia inimiga, com a hipótese de Cristo, não teria sido capaz de tratar assim, com aquela simplicidade, a sua paciente. E por aí fora. Isto ainda é tudo para perceber, mas vemos que começamos a dar-nos conta de que é fácilimo, tal como no início com Jesus. Ele veio e fez o cristianismo. Começa a acontecer e os outros começam a ver o que antes não viam. E isto fica documentado pela expressão cultural, porque nós entramos no real com uma consciência nova, por nos termos dado conta de alguma coisa que, ainda que inconscientemente, trazemos “no sangue”. Começamos a perceber que não é a dialéctica a modalidade para ir ao encontro do outro, e que não é uma abstracção que o pode demover; mas sim um envolver-se. Jesus envolveu-nos numa

experiência – como vocês disseram – uma vida nova que nos permitiu reconhecer o verdadeiro, Só assim podemos identificar cada vez mais, qual o modo do testemunho que permite comunicar não um sentimentalismo, mas a verdade, uma nova percepção do real, uma nova percepção das coisas. E isto torna-se realmente um contributo significativo – vemo-lo através de tantas coisas que nos contamos – para todos aqueles que encontramos pela estrada, qualquer que seja a situação em que se encontrem. Então a história não se esvazia, nós fazemos o percurso do conhecimento, conhecemos cada vez mais e vemos que permanece como companhia a nós, a modalidade com que entramos no real, e estamos diante de todos com a certeza existencial daquilo que trazemos. E somos nós próprios a ficar espantados, comovidos com aquilo que o Mistério continua a fazer agora, não no passado, agora! Por isso Jesus vem para nos perguntar: «Tu amas-Me?». «Sim». Este «Sim» não é nada intimista, mas é alguma coisa que agarra toda a vida e se exprime em tudo o que fazemos. Se cresce esta pertença, se não nos afastamos dela, então poderemos levar ao real uma novidade, tornando-a experiência possível também para os outros, porque nós fomos escolhidos para que os outros, a dado momento, possam ver, participando numa companhia como a nossa. E ao mesmo tempo, que também nós nos possamos enriquecer com o que os outros nos oferecem, porque descobrimos tantas coisas através deles. O referendo é uma ótima ocasião para nos educar a isto. Ou é um diálogo, ou é uma discussão. É preciso dar-se conta do outro e das suas razões, não para descarregar a minha responsabilidade sobre um qualquer que me diga o que devo fazer, mas para que eu possa participar na aventura do conhecimento. É este o significado do nosso manifesto *Para recuperarmos o sentido do viver juntos*: não perder a ocasião, também nesta circunstância, de aprender. E assim, no final deste percurso poderemos verificar se fomos postos em jogo, se esclarecemos suficientemente as razões para responder ao desafio que nos foi colocado. Senão, tudo será inútil, para nós e para os outros, como tantas coisas que sucedem e que não deixam rasto, porque não construíam a convivência, não construíam um lugar de diálogo. E assim, não descobrimos as razões do estar juntos. Parece-me que temos uma bela oportunidade. Espero que não a desperdicem.

Este ano começámos a ligação vídeo da Escola de Comunidade com as comunidades no estrangeiro, com tradução simultânea em inglês, espanhol e português. No diálogo que tivemos, ao qual se seguiu esta decisão, sublinhávamos a importância de cada um se sentir protagonista. Uma pessoa pode estar aqui como protagonista, tal como pode ser protagonista nos vários grupos durante o mês. Ou pode estar passivo no grupo tal como o é aqui, Não é a forma que nos torna protagonistas ou passivos, mas o modo com que nós estamos no real. Por isso, somos todos chamados a ser protagonistas e não meros espectadores de um gesto “edificante”, pelo que quem tem perguntas ou contributos, poderá fazê-lo mesmo desde o estrangeiro, enriquecendo assim a vida de todo o movimento. Como já disse noutras vezes, o gesto é livre, só para quem quer participar, mas precisamente por isto, pedi aos responsáveis para assegurarem a todos a possibilidade de se juntarem a nós pela ligação vídeo. É importante que a ligação tenha a característica de um gesto vivido comunitariamente, tal como fazemos aqui. Por isso também, não será dado acesso a pessoas individualmente. Para além disso, os Apontamentos serão rapidamente postos à disposição de todos no nosso site de Internet. O endereço de email para enviar as vossas perguntas e intervenções breves na Escola de Comunidade é: sdccarron@comunioneliberazione.org. Peço-vos que o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade. Os contributos devem ser enviados, no que diz respeito aos estrangeiros, até sexta-feira à noite. Enquanto que para os italianos até ao domingo precedente do nosso encontro, de modo a ter tempo de os ler e, quando necessário, traduzir. Peço-vos que acrescentem um número de telemóvel para vos poder contactar para intervirem directamente. Queria fazer um esclarecimento sobre porque é que escolhemos certas intervenções, porque alguns dizem: «Mas já está tudo cozinhado!». Não, nada está cozinhado! Entre os muitos contributos que chegam, vemos que nalguns o Mistério faz acontecer alguma coisa particularmente significativa que é uma riqueza para todos. Até no modo de guiar um gesto como este, queremos seguir – eu em primeiro lugar, aquilo que o Mistério faz acontecer para poder ser um momento que sirva a todos. Eu desejo ser o primeiro a seguir o que o Mistério faz através

dos contributos que vocês enviam. E isto não é pré-cozinhar, mas obedecer ao que o Mistério faz. Haverá depois outros momentos da vida do movimento, ou outros momentos da Escola de Comunidade, onde cada um pode encontrar outras modalidades para intervir. É, portanto, uma obediência ao que o Mistério faz. Todos fazemos o caminho e, às vezes, o Mistério faz florescer um, ou o outro, faz viver uma experiência que é uma riqueza para todos, e por isso começamos por estes casos. Ponto.

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira, 23 de Novembro às 20.00. Preparemo-nos retomando a segunda parte da Página Um, «A forma do testemunho», desde o ponto 6. até ao ponto 9.

O livro do mês para outubro e novembro é *Últimas conversas* de Bento XVI. É um belo exemplo de como nasce a certeza: não como afirmação abstrata de ideias corretas e limpas, ou de dogmas, mas na relação dramática com o Senhor. É impressionante o quanto revela a sua relação pessoal com Cristo, marcada também por momentos de dificuldade. Isto torna o caminho da fé muito humano e percebe-se também a raiz da audácia do pensamento e da expressão cultural de Bento XVI.

A Campanha Tende para sustento de alguns projetos da AVSI no mundo pode realizar-se em Itália e no exterior nas modalidades mais criativas e adequadas às situações. O título da campanha é: #RefugiadosMigrantes. Ao trabalho, para mudar o rumo das coisas. Este ano a Campanha Tende terá como fio condutor o tema dos migrante e refugiados, com particular atenção à questão educativa e laboral. A partir de meados de novembro estarão disponíveis mais informações.

Para além das Tende AVSI, recordo-vos que o Movimento indica em particular como gesto de caritativa a Recolha de alimentos, que este ano será no sábado dia 26 de novembro (em Itália ndt. – em Portugal é no Sábado e Domingo 3 e 4 de Dezembro) . É importante para nós participar neste gesto, para o apoiar e para o poder partilhar com muitas pessoas. Dos cento e trinta mil voluntários que participam habitualmente neste gesto, só trinta mil são pessoas do movimento, por isso a Recolha promovida pelo Banco Alimentar é uma ocasião para partilhar com os outros o olhar com que nós aprendemos a viver este gesto, para que nunca decaiam as razões pelas quais o fazemos e a modalidade com que o vivemos.

Veni Sancte Spiritus